

Lembranças

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

50.17
Nº 10.523

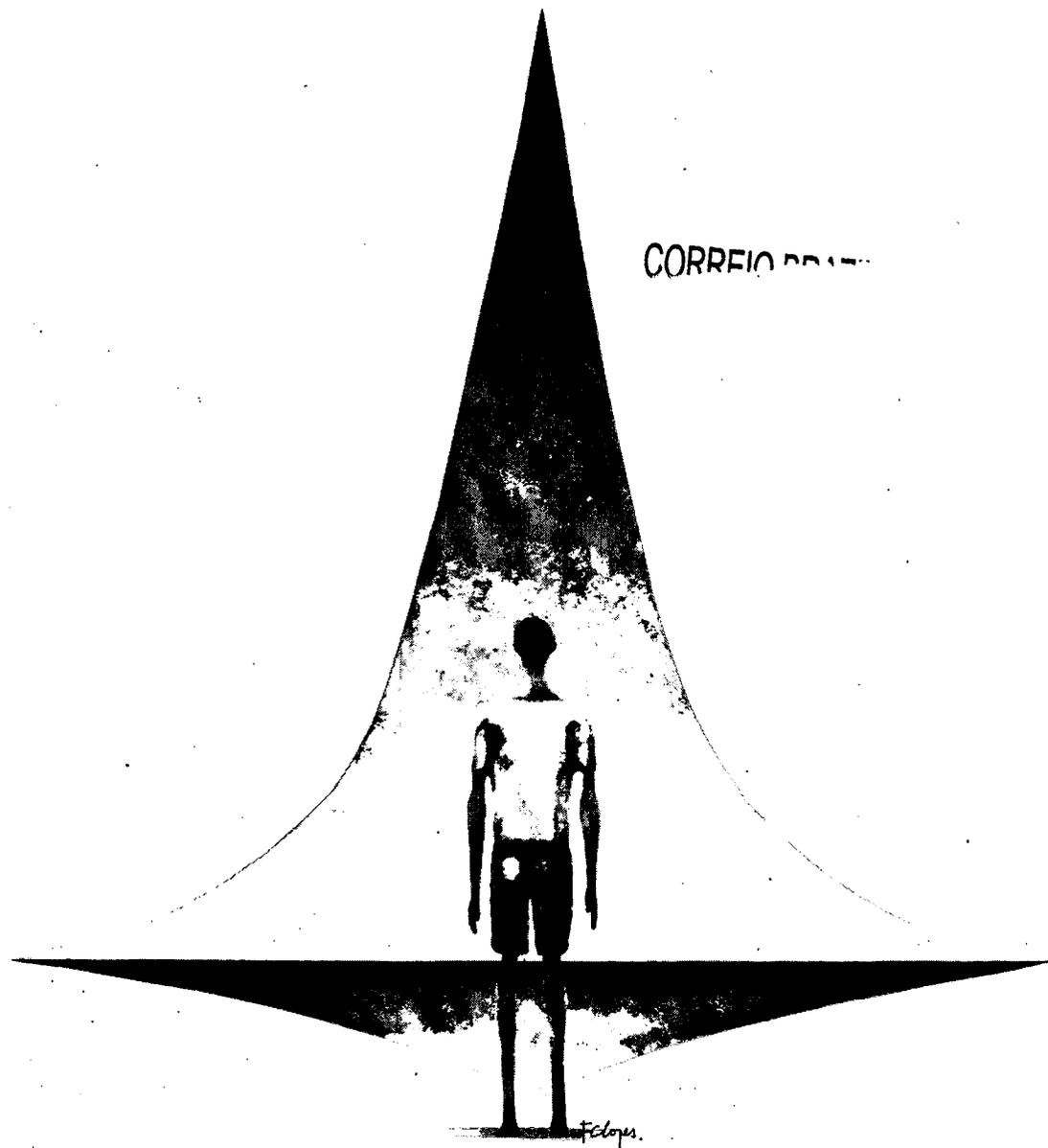
Cinquenta e quatro anos passam de maneira muito rápida. No meu caso, tudo aconteceu ontem. As informações se empilham na memória, alguns fatos se mantêm vivos, outros desaparecem. Naquele ano longínquo de 1960, meu pai me convidou para viajar com ele e estar presente na inauguração de Brasília. Juntos, vieram Flávio Moreira, fazendeiro da Ilha do Marajó, e meu amigo Hedy Valle Junior, já falecido. A excursão é para mim fato presente.

Viagem incrível, me despertou a vontade de desbravar continentes e conhecer outros caminhos. Assim foi naquele abril de 1960. A estrada asfaltada, mas estreita, sinuosa e difícil. No início, entre Rio e Juiz de Fora era a velhíssima União Indústria. Depois melhorou, com nova rodovia para Belo Horizonte. O veículo era uma Kombi 1.200, orgulho da então recentíssima indústria automobilística nacional.

O carro era incrivelmente lento. A viagem durou três dias. Primeira parada, Belo Horizonte. Dia seguinte, entramos na rodovia que havia sido inaugurada dias antes. O caminho para Brasília. O asfalto serpenteava pelas pequenas cidades mineiras até o trevo de Curvelo, quando se inicia o novo trecho, que se mantém inalterado até hoje. Alcançamos Paracatu, de onde me lembro de surpreendente bom hotel.

No terceiro dia, Brasília. O mês de abril já fazia frio. O clima sensivelmente diferente do Rio. Na altura da Cidade Livre, passamos pelo pelotão de fuzileiros navais que veio marchando até a nova capital. E fomos conhecer a cidade. Ou melhor, o que era chamado de cidade. Poucas superquadras estavam concluídas. Eram a 105, 106, 107, 108 e 308. Também a 408/409 e a 114. Todas na Asa Sul. Brasília era isso. Os eixos estavam prontos, o asfalto cobria toda a Asa Norte e chegava até ao final da Península Norte. A volta do Lago Paranoá também estava pronta e asfaltada, mas o lago estava vazio.

Meu pai tinha intimidade com aquele gigantesco canteiro de obras. Morava aqui desde 1959. Era apaixonado pelo projeto de transferência da capital. Chegamos, ele foi trabalhar, e nós fomos passear de Jipe.



Entre no Palácio da Alvorada. A Esplanada dos Ministérios estava pronta; a Catedral, inacabada. O Palácio do Planalto existia, majestoso e belo. O Brasília Palace Hotel tinha sido inaugurado um ano antes.

Em 21 de abril, meu pai e o amigo vestiram casaca e foram para o Palácio do Planalto, participar do grande baile de inauguração da cidade. Nós, Hedy e eu, ficamos na praça dos Três Poderes, onde a multidão era incrível. Havia um coral sensacional. Centenas de vozes. Show de música e luzes. Excitação geral. Gente gritando "viva o Brasil", "viva Brasília". Pessoas que comemoravam o nascimento de uma nova era. Candangos que vieram do Nordeste e arranjaram emprego. No meio da grande festa, de repente, o presidente Juscelino desceu a rampa e veio confraternizar com o povo. Foi um delírio.

Eram outros tempos. Não havia segurança nem cordões de isolamento. Ele veio andando, abraçou e foi abraçado. Vi uma senhora beijar seus pés. Foi carregado em triunfo, como um jogador de futebol. O espetáculo mais impressionante a que já assisti. Na época, os jornais no Rio eram absoluta e totalmente contrários à mudança da capital. Esse magnífico espetáculo passou em branco. No dia seguinte, ocorreu uma corrida de automóveis no Eixo Rodoviário Sul. E acabou a festa.

Não sei como seria o Brasil se Brasília não tivesse sido construída. Rio e São Paulo seriam uma única cidade. E a descoberta do Centro-Oeste, que hoje é a base de atuação do agronegócio, não teria acontecido. O desenvolvimento chegou à fronteira com a Bolívia. Em Rondônia, estão sendo construídas duas enormes hidrelétricas. O

país mudou muito. É difícil descrever hoje o que havia cinco décadas atrás. As pessoas que aqui chegaram na época da inauguração eram movidas a entusiasmo. Não é difícil encontrar quem seja nostálgico daquela época, romântica, utópica e ingênua.

A cidade é hoje importante centro de desenvolvimento, cérebro das altas decisões nacionais, local de encontros políticos decisivos e definidores, servida por ótima universidade. Brasília, com quase 3 milhões de habitantes, é uma realidade muito parecida com o resto do Brasil. A capital se mudou para o Planalto Central e os problemas vieram atrás. A política de hoje, contudo, é igual à de ontem. Nesse quesito, as esperanças são rasas. O país cresce por ciclos. Falta surgir nova era, mais esclarecida e menos provinciana.